Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: JB Class.: Produção Cultural 380
Data: 15/08/92 Pg.: 15 - Idéias, Livros / Ensaios

REVELAÇÃO

Flávio Rodrigues

Os índios do Parque Nacional do Xingu são o tema do livro de Marcos Pellegrini

Procura-se um editor

A descoberta entusiasmada de um escritor brasileiro desconhecido no Brasil

■ **Wadubari,** de Marcos A. Pellegrini. Casa de Las Américas, 98 págs.

Antonio Houaiss

Meu confrade Lêdo Ivo, de volta de sua estada em Havana como membro de júri da Casa de las Américas, premiou-me com um exemplar de um livro intitulado *Wadubari*, do brasileiro Marcos A. Pellegrini, em tradução para o espanhol. A Lêdo Ivo impressionou-lhe sobretudo a trágica lógica genocida e etnocida tão singelamente aí revelada.

Pela aba da contracapa, fica-se sabendo que Marcos nasceu em 1962, é médico e investigador (e, acrescento, uma substância de narrador-poeta perceptível a cada linha que busca vazar neutramente), tendo participado em campanha de vacinação-sanitarização entre os índios do Parque Nacional do Xingu a partir de 1984, o que o levou, já formado em 1986, a transladar-se para a frente de atração de Surucucus, onde se dedicou, apartado de contacto com a 'civilização', à assistência permanente de certos grupos tribais remanescentes. A partir daí, sua biografia se confunde com a desses índios do Brasil, em especial os Kulina, os Kaxinawa (os de Capistrano de Abreu), os de Jaminawa.

Wadubari é, na definição de Marcos (no glossário apenso ao livro), 'o ser Urubu-Rei, espírito auxiliar dos *xaborib*' xamãs ou piagas ou pajés ou curandeiros que se consagram pelo jejum, pela abstinência sexual, alimentos especiais e a aspiração da *yakoana*, alucinógeno por eles utilizado em suas práticas curativas dos males do corpo e da alma. O livro foi impresso em novembro de 1991, a tradução (visivelmente 'urgente') tem marcas de 'brasileirismos', a tipografação é extremamente 'econômica' — mas é tudo, no conjunto, um título de honra para a Casa das Américas.

Poucas vezes na minha vida de leitor impenitente tenho tido emoção igual à que me deu a leitura de *Wadubari*. Com que igual emoção espero um dia pessoalmente cumprimentar a Marcos A. Pellegrini por seu *Wadubari* e, certamente, pelo que continuará — e deve escrever sobre os seus ianomâmis. Seu livro deve — urgentemente — ser objeto de editoração em português, língua em que por certo foi originalmente vazado, e em que, por certo, alguns recursos usados na tradução serão dispensados, porque a distância cultural entre o texto de Marcos e a pensação-expressão em português (brasileiro) será menor do que para com o espanhol (cubano). O que mais edifica, porém, e faz ao livro algo admirável, é que o médico é humano e, assim, solidário, e esteta, e indagador de origens, e poeta, e etnógrafo, antropológo, psicólogo, demopsicólogo — conseguindo num todo de menos de 100 páginas darnos uma visão de uma humanidade tão digna e complexa quanto qualquer outra, de forma quase total.

> ***"Poucas vezes na minha vida, de leitor impenitente, tenho tido emoção igual"***

Quando o ianomâmi consigna, sob uma visão de quem acha o 'outro' quase não-homem, porque estranha e rejeita como salgada, ou amarga, ou doce, sem alternativas outras, a culinária e gastronomia dos *nab"* (isto é, nós, os 'civilizados'), há nessa observação uma síntese de ambos os lados das respectivas culinárias e gastronomias. Quando reconhece que há o *nab"*-missionário, o *nab"*-soldado, o *nab"*-garimpeiro, o *nab"-n*, aí se contrasta a sua vida societária comunitária quase sem divisão do trabalho em face da absurda (!) divisão do trabalho e de classes dos *nab"b"* (plural).

Ao cabo, e muito para sintetizar, dificilmente se lerá, em descrições e narrações puramente factuais e empíricas, algo mais poderosamente penetrador do psiquismo primitivo — primitivo, sim —, de logicidade exemplar (no descritor-narrador e no descrito-narrado) e culturalidade não menos exemplar, situados que são esses homens num espaço confinado em que provavelmente não tiveram contacto com outros povos de outro nível de desenvolvimento num lapso de tempo de 4 a 6 mil anos, em estádio paleolítico por certo.

Há, entretanto, em cada linha do texto uma poderosa aura de respeito e amor à situação e conjuntura da cultura ianomâmi: isso suscita no leitor uma tão funda e generosa emoção que eu não a quereria apenas para mim e uns poucos privilegiados pela leitura de *Wadubari* na versão espanhola. Cumpre editá-lo na sua versão original. Onde estão Marcos e o seu texto e o seu editor?

Antônio Houaiss é filólogo e membro da Academia Brasileira de Letras.